

## A HIEROTOPONÍMIA NO MUNICÍPIO DE VIGIA DE NAZARÉ

*Lais de Nazaré dos Santos Santos* (UFT)

[laisletras@hotmail.com](mailto:laisletras@hotmail.com)

*Carmen Lúcia Reis Rodrigues* (UFPA)

[carmenrodrigues89@yahoo.com](mailto:carmenrodrigues89@yahoo.com)

### RESUMO

Este artigo objetiva apresentar reflexões acerca da toponímia do município de Vigia de Nazaré, localizado no estado do Pará, com destaque para a sua microtoponímia representada pelos hierotopônimos, categoria que contempla os designativos geográficos em que emerge a ideia do sagrado de diversas crenças, conforme o modelo taxonômico de classificação apresentado por Dick (1990b). Esses topônimos são usados, quase em sua totalidade, para nomear parte das comunidades vigienses, e foram obtidos, sobretudo, por meio de consulta a documentos e fonte bibliográfica sobre o município. Como aporte teórico, utilizou-se, principalmente, os trabalhos de Dick (1990<sup>a</sup>; 1990b), além de outros estudos toponímicos fundamentados em seus princípios teórico-metodológicos.

### Palavras-chave:

Hierotopônimo. Toponímia. Vigia de Nazaré.

### ABSTRACT

This article focus on presenting reflections about the Toponymy of the municipality of Vigia de Nazaré, located in the state of Pará with a highlight on its microtoponymy represented by the hierotoponyms, a category that includes the geographical designations in which an idea of the sacred emerges from different beliefs, according to the taxonomic model of classification presented by Dick (1990b). These toponyms are used almost in its totality, in order to name part of the *vigienses* communities, and were obtained mainly through consultation of documents and bibliographic source about the municipality. As a theoretical contribution, it was mainly used Dick's works (1990a; 1990b), in addition to other toponymic studies based on their theoretical methodological principles.

### Keywords:

Hierotponymy. Toponymy. Vigia de Nazaré.

## 1. Introdução

Situada às margens do rio Guajará-Mirim (ou Guajará-Mirí), na zona fisiográfica do Salgado, a qual integra a Mesorregião Nordeste Paraense, a cidade de Vigia de Nazaré-PA possui, aproximadamente, 401,589 km<sup>2</sup> de extensão e cerca de 54.172 habitantes, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2020). Sua forma-

ção étnica resulta de diversos entrelaçamentos que ocorreram ao longo da história, decorrentes também do processo de colonização do Brasil. Cabe ressaltar que, antes do início desse processo, no território, onde hoje se localiza a cidade, já havia uma aldeia indígena tupinambá denominada Uruitá, que significa ‘pedra de galinhas’ (ALMEIDA, 2012, p. 516).

De acordo com Almeida (2005), por volta do ano de 1534, a aldeia Uruitá já era habitada por mais de duzentos indígenas e liderada pelo velho Tauaparanaçu, que faleceu em 1540. Mais tarde, após a chegada e instalação dos portugueses nessa aldeia, Uruitá passou a ser chamada de Vigia, no final do século XVII (IBGE, 2017). Esse topônimo, de origem portuguesa, se deve em decorrência do local ter se tornado um ponto estratégico, usado pelo governo colonial, para fiscalizar as embarcações, bem como para protegê-las de possíveis saques de contrabandistas popularmente chamados de “piratas do mar”.

As primeiras embarcações portuguesas ancoraram às margens do rio Guajará-Mirim, no dia 6 de janeiro de 1616, com o intuito de povoar as colônias indígenas, conforme relata Santos (2009). A aldeia recebeu, então, a visita de Caldeira Castelo Branco que, vindo do Maranhão, realizava uma expedição de reconhecimento para posterior conquista do Grão-Pará. Apenas após seis dias é que sua comitiva alcançou a capital do estado, Belém do Pará. Por este motivo, Vigia de Nazaré é considerada, por alguns estudiosos, como a primeira cidade do estado do Pará.

Com a chegada dos portugueses a Vigia, houve também a instalação das missões religiosas formadas por padres jesuítas, que perduraram até por volta de 1760, com a expulsão dos missionários do Brasil pelo Marquês de Pombal. Estas missões, além de terem como objetivo a conversão dos nativos ao cristianismo, também visavam à reunião de mão-de-obra indígena para os portugueses.

A localidade de Vigia, ou Vigia de Nazaré como é conhecida por seus moradores, possui um vasto acervo histórico e cultural, e a religiosidade é muito forte no município, que todos os anos realiza a festa do Círio de Nazaré, importante manifestação de fé católica. O Círio de Nazaré vigiense é o mais antigo do estado do Pará, pois, conforme destacado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2006, p. 11), “a devoção à Nossa Senhora de Nazaré começou, no Brasil e no Pará, em uma localidade denominada Vigia (hoje sede de município) e de lá deve ter atingido a capital, Belém”.

Em Vigia de Nazaré, a festividade ocorre na segunda semana do mês de setembro, e sempre atrai milhares de turistas. Durante a ocasião, há o tradicional almoço do Círio, para o qual os fiéis se dedicam bastante em sua preparação e reúnem suas famílias para degustá-lo. Essa devoção dos moradores vigienses à Virgem de Nazaré provavelmente surgiu, no século XVIII, quando o fidalgo lusitano D. Jorge D'Alemó levou para Vigia uma cópia da imagem da santa (SILVA, 2007, p. 20). Além disso, e não por acaso, a primeira denominação de origem portuguesa do município foi Nossa Senhora de Nazaré, quando foi elevado à categoria de freguesia, em 1693 (IBGE, 2017).

Conforme já mencionado, reitera-se que a presença de valores da fé católica é bastante presente no município e isso reflete, entre outros aspectos socioculturais, na toponímia do local, conforme será explanado adiante, tendo em vista que este trabalho trata dos nomes sagrados presentes no léxico toponímico de Vigia de Nazaré-PA. Sendo assim, serão apresentados os resultados de pesquisa acerca dos hierotopônimos, os quais integram uma investigação mais ampla sobre a toponímia de Vigia desenvolvida na dissertação “Um estudo toponímico no município de Vigia de Nazaré-PA”, de Santos (2019).

Para este trabalho, portanto, foram elencados os 14 designativos geográficos do *corpus* da pesquisa anterior, classificados como hierotopônimos, conforme os pressupostos metodológicos de Dick (1990a), que inclui nessa categoria os nomes de lugar para os quais são utilizados como referência palavras advindas do sagrado. Os dados analisados foram compilados principalmente a partir da consulta a materiais diversos, em razão da carência de registros, sobre a toponímia de Vigia, no mapa oficial do IBGE. As fontes de pesquisa de onde retirou-se os topônimos foram disponibilizadas pela Secretaria de Ação Social de Vigia e pela Igreja Matriz católica do município. Contribuiu também para a constituição do *corpus* a obra de Almeida (2005), além das entrevistas realizadas com moradores locais, durante pesquisa de campo. E foi por meio dessas entrevistas que se tomou conhecimento do único rio denominado por nome de santo: o rio Santa Maria.

Em relação à sua estrutura, este artigo está organizado em: introdução; considerações sobre os estudos toponímicos; os hierotopônimos de Vigia de Nazaré-PA e considerações finais.

## 2. *Considerações sobre os estudos toponímicos*

Os estudos linguísticos possuem várias ramificações. Uma delas, que trata especificamente dos fenômenos relacionados ao léxico das línguas, é denominada lexicologia, ciência que se ocupa do estudo sistemático das palavras pertencentes a uma dada língua. No âmbito da lexicologia, realiza-se a investigação dos nomes próprios, por meio da Onomástica. Esta, por sua vez, subdivide-se em duas áreas, a saber: a Antroponímia e a Toponímia. Conforme Seabra (2004, p. 36), “a primeira tem como objeto de estudo os nomes próprios individuais, os nomes parentais ou sobrenomes e as alcunhas ou apelidos”. Já a segunda, a Toponímia, ainda conforme a autora, integra-se aos estudos onomásticos, como um campo do saber que trata do léxico toponímico, a partir da investigação dos elementos que motivaram os nomes de lugares, sejam eles acidentes humanos ou ainda acidentes físicos. Para a descoberta das motivações toponímicas, são considerados, sobretudo os fatos sócio-históricos antecedentes aos designativos.

Exercendo na Toponímia a função de distinguir os acidentes geográficos na medida em que delimitam uma área da superfície terrestre e lhes conferem características específicas, os topônimos se apresentam, da mesma maneira que os antropônimos, como importantes fatores de comunicação, permitindo, de modo plausível, a referência da entidade por eles designada. Verdadeiros “testemunhos históricos” de fatos e ocorrências registradas nos mais diversos momentos da vida de uma população, encerram, em si, um valor que transcende ao próprio ato da nomeação: se a Toponímia situa-se como a crônica de um povo, gravando o presente para o conhecimento das gerações futuras, o topônimo é o instrumento dessa projeção temporal. (DICK, 1990a, p. 21-2)

Assim, os topônimos, unidades de estudo da Toponímia, podem resguardar e revelar muitas particularidades físicas, socioculturais, históricas e linguísticas do local ao qual se vinculam e, concomitantemente a isso, do seu povo denominador. Isquerdo (2016) destaca que o tecido toponímico de um local eterniza uma parte do léxico que representa o momento histórico no qual o acidente geográfico foi nomeado.

Para a compreensão dos fatores que estão por trás do surgimento dos nomes de lugares, Dick (1990b, p. 31-4) adota um modelo taxonômico de classificação dos topônimos, agrupando-os em categorias de natureza física e de natureza antropocultural. A esta última, pertencem os designativos que fazem referência ao universo psíquico-social do homem e, à primeira, os topônimos referentes à natureza. Desse modo,

[...] a sistematização da taxionomia é justificada por uma relação icônica e simbólica. Os topônimos apresentariam na função denominativa a existência de um elo entre as expressões onomásticas e seus denotados. (AN-DRADE, 2010, p. 107-8)

De acordo com a proposta de Dick (1990b), quanto à classificação dos topônimos, têm-se 11 taxas de natureza física: astrotopônimos, cardinotopônimos, cromotopônimos, dimensiotopônimos, fitotopônimos, geomorfotopônimos, hidrotopônimos, litotopônimos, meteorotopônimos, morfotopônimos e zootopônimos; e 16 taxas de natureza antropocultural: animotopônimos, antropotopônimos, axiotopônimos, corotopônimos, cronotopônimos, ecotopônimos, ergotopônimos, etnotopônimos, dirrematopônimos, hierotopônimos (hagiotopônimos e mitotopônimos), historiopotônimos, hodotopônimos, numerotopônimos, poliotopônimos, soctiotopônimos e somatotopônimos.

Dessa forma, a partir dessa proposta metodológica para agrupamento dos topônimos, pode-se classificar uma grande variedade de nomes encontrados no decorrer de uma investigação toponímica, oriundos de diversos padrões motivacionais, sob um enfoque linguístico. No entanto, a própria autora ressalta a possibilidade de ampliação desse modelo, conforme a necessidade do estudo realizado.

Sendo assim, neste trabalho, serão analisados topônimos relacionados à uma dessas taxionomias antropoculturais, os hierotopônimos. Conforme Dick (1990), dessa categoria fazem parte os seguintes nomes:

Topônimos relativos aos nomes sagrados de diferentes crenças: cristã, hebraica, maometana, etc. Ex.: Cristo Rei (AH PR); Jesus (rio GO); Alá (Iago AM); Nossa Senhora da Glória (AH AM); às efemérides religiosas: Natividade (AH GO), Natal (AH AC); às associações religiosas: Cruz de Malta (AH SC); aos locais de culto: igreja: serra da Igreja (PR); capela: Capela (AH AL); Capelazinha (AH MG). (DICK, 1990, p. 33) (grifos da autora)

Ainda como parte dos hierotopônimos, incluem-se os hagiotopônimos – topônimos que fazem referência aos santos e santas do hagiológico romano (São Paulo (AH SP), Santa Tereza (AH GO)) – e os mitotopônimos – topônimos que fazem referência às entidades mitológicas (ribeirão do Saci (ES), lago Curupira (AM) (DICK, 1990b, p. 33).

### 3. Os hierotopônimos de Vigia de Nazaré

Após a sistematização dos resultados de pesquisa, foram identificados, no município investigado, 14 hierotopônimos. Esses topônimos nomeiam um rio (acidente físico) e 13 comunidades (acidentes humanos). Ressalte-se que,

[...] o conceito tradicional de Toponímia envolve [...] o estudo dos nomes de lugares ou dos designativos geográficos, em sua bipartimentação física (rios, córregos, morros, etc.) e humana, antrópica ou cultural (aldeias, povoados, cidades, etc.). (DICK, 1990b, p. 119)

Dentre os designativos elencados, observou-se a ocorrência de um único topônimo classificado como hierotopônimo, em sua forma mais genérica, a saber: *Paraíso*, designativo de uma comunidade da zona rural do município.

Quadro 01: Hierotopônimo.

TOPÔNIMO	ETIMOLOGIA
comunidade <b>Paraíso</b> (AH-PA)	Paraíso sm. 'lugar de delícias, céu, éden' (CUNHA, 2010, p. 476)

Em Vigia de Nazaré, também existem topônimos inspirados nos nomes de santos, classificados como hagiotopônimos – “topônimos referentes aos nomes de santos e santas da religião católica romana” (SEABRA, 2004, p. 58). Os santos, como destaca Carvalho (2014), são considerados modelos de vida cristã e intercessores dos fiéis diante de Deus. Para a autora, os santos são muito representativos na história do cristianismo e também em vários âmbitos sociais, até os dias atuais.

Na bíblia judaico-cristã, segundo Biderman (1998), a palavra não é apenas uma expressão de força divina, mas é como se fosse a própria força. E é no quarto evangelho que se pode perceber nitidamente a autoridade da palavra divina para os que nela acreditam: “No início era o verbo, e o verbo estava voltado para Deus, e o verbo era Deus. (...) E o verbo se fez carne e habitou entre nós.” (JOÃO, 1,1-5, 14). Para Biderman, a força e o poder da palavra divina não se limitam a Deus, mas são compartilhados por seus enviados.

No Brasil, a devoção à fé cristã é herança portuguesa, introduzida aqui a partir do período colonial, pelos jesuítas. Dessa maneira, passou-se a cultivar, em larga escala, “a devoção à Nossa Senhora e aos santos, principalmente àqueles ligados ao Cristo e à Mãe de Deus, como São José, Santa Ana, São Joaquim, São João Batista e São Pedro” (CARVA-

LHO, 2014, p. 114). Sendo assim, é recorrente, no país, os acidentes físicos e humanos adquirirem designativos relacionados aos seus santos padroeiros. No entanto, essa não parece ser a principal motivação dos topônimos de cunho religioso. Assim, em pesquisa sobre “As *Nossas Senhoras* na toponímia paranaense”, Ananias (2020, p. 161) verificou que o santo “padroeiro do município não exerceu grandes influências na escolha dos topônimos dos seus acidentes geográficos”, sinalizando que esses topônimos estão mais relacionados às vontades particulares do denominador, imbuído no desejo de externar sua crença, sua fé, em seu santo protetor.

Foram identificados 12 nomes de acidentes geográficos pertencentes à taxa dos hagiotopônimos, usados para designar 11 comunidades e um rio, conforme descrição e etimologia no quadro abaixo. Todos os sintagmas toponímicos em questão são iniciados por ‘são ou santo(a)’: que significa ‘sagrado’, ‘que vive segundo os preceitos religiosos, a lei divina’ (CUNHA, 2010, p. 580).

Quadro 02: Hagiotopônimos.

1. rio <b>Santa Maria</b> (AF-PA)	
ETIMOLOGIA	Maria, de uma língua semítica: “senhora” (GUÉRIOS, 1973, p. 152).
2. comunidade <b>Santa Luzia</b> (AH-PA)	
ETIMOLOGIA	Luzia, f. pop. Port. De Lúcia, do lat. Lucia (GUÉRIOS, 1973, p. 148).
3. comunidade <b>Santa Maria do Guarimã</b> (AH-PA)	
ETIMOLOGIA	Do: contr. Da prep.. DE como art. Pron. O, XIII (CUNHA, 2010, p. 226). Guarumá – planta da família das marantáceas (TIBIRIÇÁ, 1984, p. 105).
4. comunidade <b>Santa Rita</b> (AH-PA)	
ETIMOLOGIA	Rita, hip., abrev. it, de Margherita. V. Margarida. Difundido graças a Santa Rita de Cascia, Itália, cel. 22-5 (GUÉRIOS, 1973, p. 187).
5. comunidade <b>Santa Rosa</b> (AH-PA)	
ETIMOLOGIA	Rosa, 1º) lat. Rosa; 2º) abrev. de n. como Rosamunda. Cp. Rode. – Difundido graças a Sta Rosa de Viterbo (séc. 13) (GUÉRIOS, 1973, p. 189).
6. comunidade <b>Santo Antônio do Ubintuba</b> (AH-PA)	
ETIMOLOGIA	Antônio, -A, lat Antonius, gr. Étimo controverso. A gens Antônia, uma família muito antiga em Roma, era de origem helênica (GUÉRIOS, 1973, p. 55). Do contr. Da prep.. DE como art. Pron. O, XIII (CUNHA, 2010, p. 226). Ubi – nome comum a várias palmeiras dos gêneros Genoma,

	Bactris e Calyptrygyne (TIBIRIÇA, 1985, p. 190). Tuba, tyba – sufixo que exprime a ideia de abundância ou ‘lugar de’ (SAMPAIO, 1987).
7. comunidade <b>São Cristóvão</b> (AH-PA)	
ETIMOLOGIA	Cristóvão, f. pop. Port. De Cristóforo. Do lat. *Christophanus (GUÉRIOS, 1973, p. 86).
8. Comunidade <b>São Sebastião do Guarimã</b> (AH-PA)	
ETIMOLOGIA	Sebastião, lat. Sebastianus, do gr. Sebastianós (GUÉRIOS, 1973, p. 196). Do contr. Da prep.. DE como art. Pron. O, XIII (CUNHA, 2010, p. 226). Guarumã – planta da família das marantáceas (TIBIRIÇA, 1984, p. 105).
9. comunidade <b>São Benedito</b> (AH-PA)	
ETIMOLOGIA	Benedito, -A, lat. Benedictus: “O abençoado, o bendito” (GUÉRIUS, 1973, p. 66).
10. Comunidade <b>Santa Ana</b> (AH-PA)	
ETIMOLOGIA	Ana, hebr. Hanah, Hannah ou Khanah: “graça, clemência, mercê” (GUÉRIUS, 1973, P. 1973).
11. Comunidade <b>Santo Antônio Barreta</b> (AH-PA)	
ETIMOLOGIA	Antônio, -A, lat. Antonius, gr. Étimo controverso. A gens Antônia, uma família nuito antiga em Roma, era de origem helênica (GUÉRIOS, 1973, p. 55). Barreta (ê). [de barra + -eta (ê)]. S. f. Barra pequena (FERREIRA, 2009, p. 270). -eta suf. nom., deriv. Do lat. –itta, que se documenta na formação de substantivos portugueses, com valor diminutivo (papeleta, seleta, etc.). Cp. –ETE, -ETO (CUNHA, 2010, p. 274).
12. Comunidade <b>Santo Expedito</b> (AH-PA)	
ETIMOLOGIA	Expedito, lat. Expeditus: expedito, pronto, pronto, disposto, isto é, desembaraçado (das coisas materiais e pronto para as coisas espirituais) (Mateus, 24:42) (GUÉRIUS, 1973).

Em estudo realizado, em 2016, acerca da herança lusa na região norte do país, Aparecida Isquerdo afirma que designar lugares com um nome português, advindo do hagiológico romano, acompanhado “de um nome determinante de caráter locativo que aponta para o referencial geográfico” (p. 324), é uma orientação que vigora desde o período colonial.

Nesta pesquisa, observou-se esse tipo de formação nos topônimos: *Santa Maria do Guarimã*, *Santo Antônio do Ubintuba*, *São Sebastião do Guarimã* e *Santo Antônio Barreta*. Além disso, observou-se, nesses hagiotopônimos, o percurso do nome das comunidades que, primeiramente, tem origem nos nomes dos rios vigienses (rio Guarimã, rio Ubintuba) e depois recebem a integração dos nomes de santos católicos, que passam a ser os elementos referenciais principais, do ponto de vista da classificação taxonômica utilizada neste trabalho, uma vez que se considerou, pa-



ra a categorização desses nomes, o primeiro e o segundo elementos do sintagma toponímico, ou seja, os nomes dos santos, e não as lexias indígenas oriundas dos nomes dos rios.

Nos casos de *Santa Maria do Guarimã*, *Santo Antônio do Ubutuba* e *São Sebastião do Guarimã*, após a adoção desses santos como padroeiros das localidades, passou-se a integrar o hagiológico romano ao nome indígena que vigorava anteriormente. Assim sendo, é notável a influência da cultura cristã para a nomeação de lugares, como se pode observar na toponímia vigiense, a qual apresenta uma quantidade representativa de hagiotopônimos em sua constituição, considerando-se, apenas à guisa de informação, o total de 78 designativos vigienses usados para designar acidentes geográficos (63 acidentes humanos: comunidades; e 15 acidentes físicos: rios e igarapés), de acordo com a pesquisa realizada por Santos (2019).

Por conseguinte, a segunda subclassificação dos hierotopônimos diz respeito aos nomes de lugares de procedência mitológica. Dick (1990b) afirma que o Brasil é mais influenciado pela mitologia de origem indígena do que pela europeia e, por este motivo, é comum encontrar formações como: Anhangá, Anhangai, Anhanguera, Caapora, Caipora, Curupira, Jurupari, Juruparipacu, Saci, Sumé, Tamandaré. Tupã, Tupana, Tupanaoca e Tupanatinga. No quadro abaixo, apresenta-se a única ocorrência de mitotopônimo em Vigia de Nazaré.

Quadro 03: Mitotopônimo.

TOPÔNIMO	ETIMOLOGIA
comunidade <b>Anauerá da Barreta</b> (AHPA)	Anauera – cid. do Pará; pode ser corruptela de anhanguera, aquele que já foi diabo. (TIBIRIÇÁ, 1985, p. 19). Da cont. da prep.. DE com o art. Pron. F. A <sup>2</sup> . XIII. Cp. DO. (CUNHA, 2010, p. 198). Barreta (ê). [de barra + -eta (ê).] S. f. Barra pequena (FERREIRA, 2009, p. 270). -eta suf. nom., deriv. Do lat. -itta, que se documenta na formação de substantivos portugueses, com valor diminutivo (papeleta, seleta, etc.). Cp. -ETE, -ETO. (CUNHA, 2010, p. 274).

O hierotopônimo *Anauerá da Barreta* é formado por *Anauerá*, uma variação de *anhanguera*, considerado, dentro da mitologia indígena, como espírito mau das matas. Logo, este topônimo, apesar de representar

uma única ocorrência, não deixa de, revestido de crença, representar e preservar a memória mitológica do local.

Desse modo, ao analisar a hierotoponímia vigiense, é possível visualizar uma diversidade de crenças, pois, se, de um lado, tem-se, predominantemente, a toponímia religiosa referente ao hagiolégio romano, de outro, se faz presente o topônimo *Anauerá da Barreta*, no qual Anauerá expressa a presença viva da mitologia indígena na toponímia desse lugar. O que, mais uma vez, reitera a afirmação de que os topônimos são revestidos de história e de memória, verdadeiros “fósseis linguísticos”.

#### **4. Considerações finais**

Primeiramente, chama-se a atenção para a importância do desenvolvimento de pesquisas de viés toponímico para a história e a identidade de um local, uma vez que, além de analisar os nomes de determinados locais, um estudo dessa natureza também se preocupa com o registro do tecido toponímico que se apresenta no momento da elaboração do trabalho e também com as possíveis mudanças e apagamentos que possam ter ocorrido durante o processo de nomeação. Acredita-se, também, que o estudo toponímico, mesmo que se desenvolva a partir de uma perspectiva linguística, pode considerar os aspectos sociais do lugar, uma vez que língua e sociedade são indissociáveis.

É importante mencionar que no decorrer da pesquisa e das análises sobre os nomes de lugares de Vigia, de maneira geral, foi possível identificar os elementos mais influentes para nomeações dos acidentes geográficos do local. Em relação aos aspectos físicos do lugar, os elementos de índole vegetal foram os que mais motivaram os designativos, tanto que se fizeram presentes até mesmo em alguns hierotopônimos: *Santa Maria do Guarimã*, *Santo Antônio do Ubintuba* e *São Sebastião do Guarimã*, visto que *guarimã* e *ubintuba* fazem referência a nomes de plantas. No entanto, em relação aos aspectos motivacionais referentes ao universo psíquico e social do homem, isto é, aos aspectos de natureza antropológica, foram mais abundantes os nomes de santos do hagiolégio romano, apresentados neste trabalho, introduzidos em Vigia a partir das missões religiosas e mantidos a partir da preservação da fé e da tradição nos locais designados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Wilkler. *Tauapará*. 2. ed. Vigia de Nazaré-PA: [S.N.], 2005.
- ALMEIDA, Djalмира de Sá. *História do município de Itaituba: importância econômica e geopolítica na Amazônia legal, na mesorregião do Tapajós e no Estado do Pará*. Curitiba-PR: CRV, 2012.
- ANANIAS, Anna Carolina C. dos S. As *Nossas Senhoras* na toponímia paranaense. *Papéis – Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens*, v. 24, n. especial, p. 148-66, Campo Grande-MS, 2020. Disponível em <https://periodicos.ufms.br/index.php/papeis/article/view/12398>. Acesso em: 23 de abril/2021.
- ANDRADE, K. S. *Atlas toponímico de origem indígena do estado do Tocantins*: Atito. Goiânia: PUC, 2010.
- BIDERMAN, M. T. C. *Dimensões da Palavra. Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 2, p. 81-118, São Paulo, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i2p81-118>. Acesso em: 28 de nov. 2016.
- CARVALHO, Ana Paula Mendes Alves de. *Hagiotoponímia em Minas Gerais*. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.
- CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.
- DICK, M. V. P. A. *A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990a.
- \_\_\_\_\_. *Toponímia e Antroponímia no Brasil. Coletânea de estudos*. 2. ed. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas/FFLCH/USP, 1990b.
- ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS. Rio de Janeiro, Conselho Nacional de Geografia e Conselho Nacional de Estatística, Rio de Janeiro, 1957, 499 p., v. 14.
- FERREIRA, A. B. H., FERREIRA, M. B., ANJOS, M. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009.
- GUÉRIOS, R. F. M. *Dicionário Etimológico de Nomes e Sobrenomes*. 2. ed. São Paulo: Ave Maria, 1973.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Panorama do município de Vigia-PA. 2020. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/vigia/panorama>. Acesso em: 10 de jan. 2021.

\_\_\_\_\_. Histórico. 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/vigia/historico>. Acesso em: 20 de abr. 2021.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Herança lusa na toponímia de municípios da região Norte do Brasil: perspectivas linguística e sócio-histórica. COLUCCIA, Rosario; BRINCAT, Joseph M.; MÖHREN, Frankwalt (éd.) (2016): *Actes Du XXVII e Congrès international de linguistique et de philologie romanes* (Nancy, 15-20 juillet 2013). Section 5: Lexicologie, phraséologie, lexicographie. Nancy/France: ATILF/SLR, p. 315-28, 2016. Disponível em: <http://www.atilf.fr/cilpr2013/actes/section-5.html>. Acesso em 19 fev. 2018.

SAMPAIO, T. *O tupi na geografia nacional*. 5. ed. rev. e aum. São Paulo: Nacional, 1987.

SANTOS, Laís de Nazaré dos S. *Um estudo toponímico no município de Vigia de Nazaré-PA*. Dissertação (Mestrado em Linguagens e saberes na Amazônia). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Pará, Bragança, 2019.

SANTOS, J. P. S. *Vigiando a cidade: Um olhar contemporâneo sobre a sociedade e o espaço do Município de Vigia*. Vigia de Nazaré-PA: [S.N.], 2009.

SEABRA, M. C. T. C. *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a Toponímia da Região do Carmo*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

SILVA, Luiz Rocha da. *Impactos da Educação Patrimonial na Formação de Professores no Município de Vigia de Nazaré*. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemáticas). Núcleo Pedagógico de Apoio ao Desenvolvimento Científico, Universidade Federal do Pará, Belém, 2007. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/3090>. Acesso em: 18 de ab. 2021.

TIBIRIÇÁ, L. C. *Dicionário de topônimos brasileiros de origem tupi: significação dos nomes geográficos*. São Paulo: Traço, 1985.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

\_\_\_\_\_. *Dicionário tupi português: com esboço de gramática de Tupi Antigo*. São Paulo: Traço, 1984.

Outra fonte:

CÍRIO DE NAZARÉ. Rio de Janeiro: Iphan, 2006. 101 p.: color., plantas; 25cm. (Dossiê Iphan; 1)